

Marx com Lacan – Lógica da mercadoria e objeto da psicanálise

Philippe Augusto Carvalho Campos¹

Resumo

Marx aparece em diversos momentos da obra de Lacan. Neste trabalho, destacamos aquelas passagens em que o psicanalista relaciona a lógica da mercadoria, tal como articulada na crítica à economia política, ao objeto da psicanálise. Desde essa aproximação, propõe-se uma equivalência entre o objeto da psicanálise e a mercadoria ou o dinheiro no contexto d’*O Capital* de Marx. Para empreendê-la, lançamos mão do *grafo do desejo* como matriz para acomodar tanto os diferentes aspectos da mercadoria ou do dinheiro, quanto as formulações lacanianas a respeito do objeto. Esperamos, com isso, trazer elementos para sustentar a tese de que os primeiros capítulos d’*O Capital* acompanham boa parte dos desenvolvimentos da teoria do objeto de Lacan. Além disso, duas teses adicionais se articulam a essa proposta: a de Karatani, segundo a qual a linguística é formatada pelo modelo da economia política; e a de Tomsic, apontando para a articulação de um “inconsciente capitalista”.

Palavras-chave: Grafo do desejo, Mercadoria, Objeto *a*, Capital.

¹ Créditos acadêmicos e profissionais: psicólogo (UFSJ), mestre em teoria psicanalítica (UFRJ), mestre em filosofia (UFLA), doutorando em ciência da religião (UFJF). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3426-4000> E-mail de contato: philippe.a.c.campos@gmail.com Instagram: [philippe.a.c.c](https://www.instagram.com/philippe.a.c.c)

Introdução

O argumento ora em questão trata das transformações do objeto na obra de Lacan em seu paralelismo às transformações da mercadoria nos capítulos iniciais d'*O Capital* de Marx. Chama-nos a atenção a frequência com que o psicanalista menciona Marx em momentos chave de elaboração sobre o objeto. A partir daí, pretende-se sustentar a tese segundo a qual tanto a mercadoria quanto o objeto são análogos: em ambos os casos temos uma categoria que se desdobra até vir a constituir uma dimensão e esta dimensão se sustenta pela própria atuação dessa categoria, porém, embora ela se nos apresente como estável ou perene, possui ponto de tensão ou vulnerabilidade constitutiva. Ambos, Marx e Lacan, cada qual em seu domínio, economia política e subjetividade, observaram tal estrutura desde esse ponto de vulnerabilidade. No primeiro caso Marx olha para o edifício capitalista como endogenamente frágil, pois sustentado por categorias cuja dinâmica conduz à crise – quais sejam, mercadoria, tempo e trabalho (Karatani, 2005; Postone, 2014). Lacan, por seu turno, perspectiva as construções simbólicas como amparadas na falta, assim, a Lei, o eu, os costumes ou as fantasias são todos lastreados pelo objeto *a*, o qual, no entanto, é somente uma negatividade que se transmuta em diferentes fenômenos.

Normalmente os trabalhos que visam investigar a homologia entre mais-valor e mais-de-gozar proposta por Lacan no Seminário 16 (Lacan, 2008b) dão continuidade ao percurso empreendido pelo psicanalista e desembocam em sua teoria dos quatro discursos (Alves & Pedroza, 2019; Cardoso & Darriba, 2016; Oliveira, 2004; Tomsic, 2015; Vighi, 2016). Nossa proposta nesse artigo é fazer o percurso anterior, isto é, reconstruir um caminho presente na obra lacaniana que culmina em sua afirmação no referido seminário; além disso, cremos que a reconstrução aqui empreendida possa auxiliar na leitura da *lógica do não-todo*, posto ser nesse momento em que Lacan formaliza propriamente o conceito de Outro inconsistente e o faz associado a um diagnóstico de época: “o mundo está em decomposição, graças a Deus. O mundo, vemos que ele não mais se aguenta, pois, mesmo no discurso científico, é claro que não há mais o mínimo mundo” (Lacan, 1985, p. 51).

Conforme veremos, o trabalho terá como pano de fundo o *grafo do desejo*, bem como os operadores ali presentes. Supomos que, direcionados pelo grafo, é possível derivar uma correspondência estreita entre a teoria marxista do mais-valor e aquela do mais-de-gozar lacaniana. Essa correspondência fomos buscá-la nas diferentes e progressivas elaborações de Lacan sobre o objeto; no mais das vezes, tais construções já aparecem articuladas a diferentes momentos da mercadoria e do dinheiro n'*O Capital*, quando não, lançamos mão de recursos que possibilitassem tal equivalência.

Por fim, pedimos perdão pela brevidade ou densidade com a qual eventualmente trataremos certos assuntos complicados e de rica bibliografia e pela quantidade de citações. Porém, a fim de construir nosso argumento: primeiro, precisamos percorrer grande espaço na obra lacaniana – dado que suas elaborações sobre o objeto estão espalhadas por toda ela –; segundo, para sustentar nosso argumento, nos ampararemos em referências diretas, estas que funcionarão como uma espécie de prova para o argumento. Cremos que este trabalho merece ser expandido posteriormente de modo a torná-lo mais palatável e dele retirar

conclusões mais robustas; por ora, entretanto, nos contentamos com as justaposições entre os dois pensadores e com a esquematização da teoria de ambos no *grafo do desejo*.

Considerações sobre o objeto em lacan

Naturalmente, há vários caminhos para se expor o conceito de objeto tal como elaborado por Lacan. Iniciaremos nosso percurso pelo artigo a respeito do *estádio do espelho*, no qual é articulada uma teoria do eu, do outro e do objeto; esses três operadores funcionando como objetos, exteriores e relativos ao eu, que então se forma. Em sequência passaremos às construções no Seminário 5 a respeito do objeto metonímico, aqui nos deparamos com o objeto articulado no campo da linguística e se furtando ao sentido. Posteriormente, derivaremos essas elaborações do campo da linguística para o campo do desejo; nesse caso o objeto *a* se articula ao falo, em dois sentidos, como objeto de desejo em geral e como operador estrutural de sustentação de um campo de sentido, bem como índice de que esse campo encontra-se fraturado. Feito isso, apresentaremos a teoria do objeto articulado à dimensão do gozo. Nesse campo o objeto é antes uma modalidade de satisfação e descarga pulsional e menos uma forma de estabelecimento de significados. No entanto, em seu desenvolvimento, nos deparamos com o fato de que a pulsão possui alguma forma, é precisamente com isso que se ocupará Lacan em seu Seminário 10. Feito esse caminho através de três eixos, apresentaremos um quarto, que serve de mediação entre a dimensão do gozo e do sentido; trata-se da fantasia, operando como um mediador entre gozo e sentido. Como conclusão dessa primeira parte, disporemos essas elaborações no *grafo do desejo*.

No artigo *O Estádio do Espelho como formador da função do eu* (Lacan, 1998a) Lacan intenta dar conta do surgimento do eu em conformidade com a teoria psicanalítica. Ao que nos interessa: o eu como função de modificação e antecipação; o eu se constitui a partir do outro (escrito com ‘o’ minúsculo), o próximo ou o semelhante; da relação com o outro deriva a rivalidade ou o desejo do outro.

A criança ao se apropriar da imagem no espelho forma um núcleo a partir do qual suas identificações serão posteriormente constituídas – Lacan denomina essa matriz do eu por *eu-ideal*. Contudo, o organismo não se encontra ou nasce preparado para a “aquisição” de um eu – aqui o psicanalista recorre à teoria da prematuração ou neotenia do bebê humano –, daí, “o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação” (Lacan, 1998a, p. 100). Esse salto de uma falta de eu para a apropriação de um protótipo do eu constitui uma identificação consigo mesmo enquanto outro – visto que o eu-ideal é adquirido de fora. O segundo aspecto trata de o sujeito conferir a essa imagem um conteúdo. Para tanto, é a partir do outro, enquanto semelhante ou próximo, que o eu buscará identificações – nesse caso, o eu identifica no outro os caracteres que o constituirão. Por fim, a relação do eu ao outro configura-se por uma tensão, refira-se ao fenômeno do *transitivismo* de Charlotte Buhler ou à *dialética do reconhecimento* de Hegel (Simanke, 2002), do que se trata é: na medida em que me vejo espelhado no outro, surge uma dimensão subjetiva na qual o valor é determinado pelos desejos que concorrem para o objeto, coisa que Lacan denomina o “drama do ciúme primordial” (Lacan, 1998a, p. 101). Esse drama primordial do ciúme que

inventa uma dimensão subjetiva, faz com que os objetos se constituam “numa *equivalência abstrata* pela concorrência de outrem” (Lacan, 1998a, p. 101, grifo nosso). Assim, o objeto no imaginário pode ser descrito como um objeto que adquire sentido a partir do momento em que o outro valora tal objeto; trata-se da criação, a partir da relação com o outro, de um espaço particular ou pessoal de formação de um mundo subjetivo a partir de identificações com o outro.

No quinto seminário de Lacan (1999) o objeto aparece inicialmente associado à figura da metonímia. Essa figura estilística é tomada no sentido conferido a ela por Jakobson (2010) como um modo de expressão no qual uma compreensão de conjunto ou de sentido encontra-se ausente – em oposição à figura da metáfora, onde a visão de conjunto é predominante, o que faz com que o significado ou sentido participe do discurso (por exemplo: para o primeiro caso, o linguista sugere o realismo, para o segundo, o romantismo)². No *Seminário 5*, estabelece-se, assim, uma oposição entre o par metonímia-objeto (que Lacan grafia *a*) e metáfora-sentido, de modo a podermos extrair daí uma propriedade do objeto da psicanálise: sua polarização com o sentido, isto é, quando o sentido está ausente o objeto está presente; ou ainda, numa sequência significativa na qual se tem a sensação de que falta algo para fazer sentido, o objeto encontra-se presente. Com efeito, o objeto em sua acepção metonímica pode ser anulado caso uma metáfora advenha e confira sentido ao discurso, ou seja, caso a cadeia ganhe sentido devido ao aparecimento de um significante que surta esse efeito – operação esta designada *passo-de-sentido* por Lacan (1999). Nesse sentido, Žižek (1993) sugere que o objeto metonímico opera como um *place-holder*³, dado que sua função é somente de guardar um lugar na cadeia significativa a ser ocupado pelo sentido.

Desta sorte, um dos aspectos do objeto de desejo tal como articulado por Lacan se refere a essa relação metonímica com tal objeto – algo que se possui só pode ser um desejo no passado, o desejo presente é sempre por algo que falta, algo não realizado. Dirá Lacan:

não existe objeto a não ser metonímico . . . e sendo o desejo sempre desejo de Outra coisa – muito precisamente daquilo que falta, *a*. . . Da mesma forma, não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica (Lacan, 1999, p. 16).

Estabelece-se, desde aí, uma relação entre a metonímia e o desejo, o que nos coloca diante de uma terceira face do objeto, a qual se encontra mais à frente nesse mesmo seminário. Temos por um lado *a*, o objeto e, por outro, a anulação do objeto com o sentido, porém, Lacan situa entre os dois o *falo* como processo de *significação*. Nessa linha, pelo lado da linguagem, o falo é o mediador entre a falta de sentido e a assunção da metáfora, e, pelo lado do desejo, “o significante da distância entre a demanda do sujeito [desejo alienado] e seu desejo” (Lacan, 1999, p. 296), de modo que “o desejo, seja ele qual for, tem no sujeito essa referência fálica”

2 Nesse artigo Jakobson investiga dois tipos de afasia e nota que para um tipo, os conectivos, artigos, advérbios tendem a ser preservados e no outro, são os adjetivos, substantivos ou verbos a se manterem, sugerindo que cada afasia opera sob a preponderância metonímica (para o primeiro caso) ou metafórica (segundo) (Jakobson, 2010).

3 *Place-holder* em inglês é o termo utilizado tanto para os zeros significativos de casas decimais quanto para um elemento de uma sentença que possui pouco ou nenhum significado, mas que é exigido gramaticalmente.

(Lacan, 1999, p. 285) – Lacan grafa “ ϕ ” (phi minúsculo) o falo em sua relação com o desejo ou a significação. O falo aí atesta que estamos numa dimensão subjetiva, da linguagem ou comum, isto é, a possibilidade do desejo é dada pela referência à ordem simbólica na qual atua um valor comum, o falo.

Temos, contudo, o falo como função estrutural, escrito “ Φ ” (phi maiúsculo). Nesse caso, dirá Lacan que o falo “Será o limite a designar o lugar da presença real na medida em que esta só pode aparecer nos intervalos do que é coberto pelo significante” (Lacan, 2010, p. 322), isto é, ali onde o significante falta, a zona não preenchível pelo sentido, o falo, agora Φ , virá a cimentar a estrutura, “porque ali pode se introduzir aquilo que iria dissolver toda a fantasmagoria” (Lacan, 2010, p. 322). O falo aparece, portanto, como obturador das zonas do simbólico em que falta o significante e, decorrente disso, como garantidor de toda a teia do simbólico. Enquanto tal, Lacan também o escreverá como “O significante do significado em geral” (Lacan, 1999, p. 240). O psicanalista também associará essa função a $S(\mathcal{A})$ – *significante do Outro barrado* –, o tomará pelo “sentido do *Mana* ou qualquer dos seus congêneres” (Lacan, 1998a, p. 835). *Mana* ou *hau* em Lévi-Strauss nomeiam o espaço simbólico de um povo ou tribo, é um termo que significa tudo, ao mesmo tempo em que não possui nenhum significado especificável, o que levará o antropólogo a designá-los *símbolos zero* (Lévi-Strauss, 2018). Porém, ao associar essa função a $S(\mathcal{A})$ Lacan pretende captar um espaço simbólico que aponta para sua não consistência, para a falta desse significante que garante o sentido em geral (Φ). Encontramo-nos, pois, num universo inconsistente, o qual, por sua vez, aponta não para o sentido, mas para a pulsão (Lacan, 1998a) (conforme a figura abaixo).

É necessário, para nossos propósitos, elaborarmos um terceiro contínuo da disposição do objeto em Lacan. Se se trata de um objeto que se furta ao sentido, o apontaremos agora como objeto pulsional, de satisfação ou de descarga de energia psíquica, oposto, pois, ao campo linguístico – no *grafo do desejo* encontramos esses dois eixos, o eixo do significante e o do gozo. Para o caso do objeto na dimensão do gozo nos voltamos ao *Seminário 7* (Lacan, 2008a), onde o psicanalista se debruça sobre o termo *Ding* (*coisa*), tomado de Freud. Na leitura de Lacan, Freud, ao lançar mão de tal termo, refere-se a algo fora do campo representacional (das *Vorstellungen*), porém, é em torno dessa *coisa* que o simbólico gravita e, além disso, esse é um objeto que o sujeito reencontra, posto ser o objeto do gozo, satisfação (o objeto perdido freudiano):

Das Ding é o que . . . se apresenta, se isola, como termo estranho em torno do qual gira todo o movimento da *Vorstellung*, que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer *Das Ding* deve, com efeito, ser identificado com o *Wiederzufinden*, a tendência a reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto (Lacan, 2008a, p. 74).

O segundo passo nesse contínuo consiste nas elaborações de Lacan presentes em seu *Seminário 11* (Lacan, 1998b), ao tratar do objeto *a* como objeto característico da pulsão. Neste contexto o objeto *a* é tomado como estranho ao sujeito, mas que, no entanto, se relaciona com o sujeito – “O não-eu não se confunde com o que o cerca, a vastidão do real. Não-eu se distingue como corpo estranho, *fremde Objekt*” (Lacan, 1998b, p. 232); estando no campo externo ao sentido e à subjetividade, aquilo de que se trata aí é de uma satisfação pulsional a

nível do inconsciente, do não integrado. Tomado nestes termos, Lacan dirá ainda que a pulsão *contorna* o objeto. Primeiro, porque não o atinge diretamente, segundo, no sentido figurado quando dizemos “contornar uma situação”, no sentido de que o objeto é escamoteado – “Compreendam que o objeto causa do desejo é a causa do desejo, e esse objeto causa do desejo é o objeto da pulsão – quer dizer, o objeto em torno do qual gira a pulsão” (Lacan, 1998b, p. 229). Como não se o atinge e ele causa satisfação, ele se repete, o movimento de satisfação se repete simplesmente porque se trata aí de um objeto satisfatório para a satisfação – o reencontro com o objeto. Observa-se, aqui, a dinâmica de alienação do sujeito com relação ao objeto de gozo, ele se relaciona com seu correlato, mas numa relação que nunca é plenamente transponível ao campo do sentido ou do significado.

Se no *Seminário 7* o objeto é uma negatividade no interior do simbólico, no *Seminário 10* o autor estabelece que o campo constituído em torno do objeto nos dá sua propriedade. Quando no *Seminário 10* Lacan (2005) propõe uma espécie de fatiamento ou anatomia do objeto – partindo-o em seio, fezes, falo, olhar e voz – devemos ter em mente que cada descolamento do sujeito ante a esses objetos outrora imediatos ou atados a si, funciona como fundação ou base de um repertório de gozo ou “o catálogo das pulsões” (Lacan, 1998a, p. 838)⁴. Assim, a fórmula da pulsão, ($\$ \diamond D$), deve ser lida como o “isolamento simbólico de uma demanda” (Tomsic, 2015, posição 2735), isto é, há o imperativo de gozo em seus diferentes aspectos, mas não o significado ou o agente dessa ordem. Esse catálogo é medular à fantasia, um arranjo significante que regula o acesso ao gozo. A fantasia é, portanto, um modo de integrar, através de uma cena e por meio do *desejo*, o sujeito a tal imperativo ou corpo estranho. Lembremos novamente do *grafo*, a fantasia ocupa uma zona de intercessão entre o significante e o gozo; grafada por Lacan: ($\$ \diamond a$), significa que, embora continue não integrado ao sujeito, o objeto *a* (ou os objetos) agora encontra-se mediado; estruturando e estruturado por uma cena (Lacan, s. d.). Daí a metáfora lacaniana do vaso: o oleiro modela o vaso em torno de um vazio, de modo que o vaso contém o vazio dentro dele, mas não é simplesmente um vazio; o vaso é um vaso de mostarda, por exemplo, e essa nomeação nomeia ou dota de propriedades aquele vazio. Nessa linha, a pulsão seria um vazio convocando a construção de uma moldura fantasística para que esse vazio possa ser designado ou dotado de propriedades; ou mesmo, acessado, posto não haver o vazio sem o vaso (Lacan, 2008a). Daí, a fantasia é constituída em torno desse nada que convoca, revelando, assim, suas propriedades.

Com isso, temos um primeiro eixo no qual se encontra o mundo “fenomenológico” do sujeito, seus objetos familiares ou afetivos e o próprio *eu* – eixo este do imaginário. Um segundo, em que se articulam linguagem e *ficções simbólicas* (Lacan, 2008a), a dimensão da realidade como esvaziada de gozo onde encontram-se articulados o ordenamento social de regras, leis ou costumes; em suma a própria realidade – sobre a qual Lacan diz: “a realidade, toda

4 Sumarizaremos os diferentes modos de comportamento social ou humano como, respectivamente, desejo/falta, dom-contradom/aliança, dominação/impotência, fantasia/presença, imperativo/pulsão propriamente; e, cada um desses nomeia um vazio diferente: negatividade presente no desejo, o gesto performático como veículo de aliança, a potência ou face oculta da autoridade, a fantasia como mantenedora da consistência do Outro, e, por fim, o próprio *non-sense* da pulsão em sua forma pura.

a realidade humana, não é nada mais que a montagem do simbólico e do imaginário” (Lacan, s. d., p. 19). O quarto eixo, um plano no qual se encontram fratura e cobrimento da fratura que nucleia o simbólico e fundamento traumático da realidade, aquele do gozo, do objeto estranho. Por fim, um terceiro, fantasia e desejo como mediadores entre a dimensão estranha ou separada do sujeito e a teia da realidade.

Dispondo no grafo⁵:

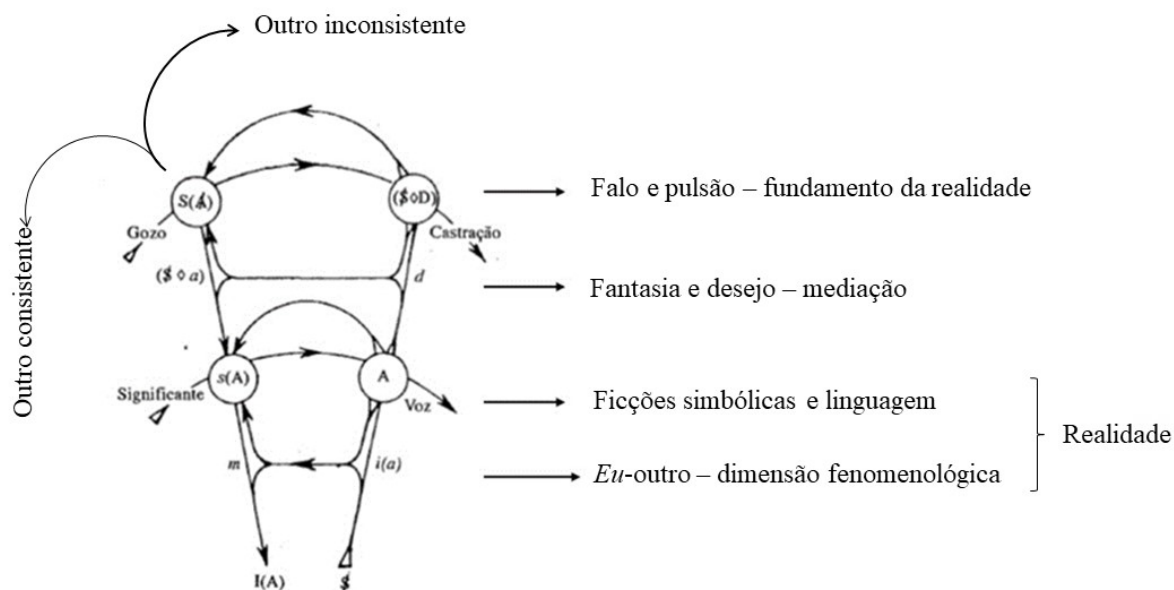


Fig. 1

Justaposição entre Marx e Lacan quanto ao objeto

Gostaríamos de sugerir que esses aspectos do objeto da psicanálise são análogos à primeira e à segunda seções d’*O Capital* de Marx (2013), onde se discute a metamorfose do produto do trabalho em mercadoria, a formação do dinheiro e a transformação deste em capital. Essa formalização nos moldes aqui apresentada não aparece de forma explícita em Lacan, porém, é importante notar como a construção lacaniana do objeto é frequentemente associada a *O Capital* de Marx (Lacan, 1992, 1999; 2008b)⁶.

Nesta obra Marx afirma que a mercadoria “revela seus pensamentos na língua que lhe é própria, a língua das mercadorias” (2013, p. 179). Endossamos, aqui, a tese de Paulani e Muller (2010), segundo a qual: “Apesar de se mostrar como analogia, a referência à linguagem das mercadorias é operada por Marx . . . num sentido forte, que vai muito além do mero emprego de um recurso retórico”; Karatani sugere uma relação ainda mais aguda, segundo ele “é a linguística que é formatada pelo modelo . . . da economia política” (Karatani, 2005,

5 Cabe notar que é seu *Seminário 5* Lacan ainda lança mão do grafo em seu eixo significante para acomodar o objeto metonímico e o falo, coisa que não cabe aqui nessa representação.

6 Existem várias justaposições entre a economia-política marxista e a psicanálise, conforme apontado por Cardoso e Darriba (2016) e Karatani (1995, 2005).

p. 229). De qualquer modo, é por meio desse gancho que empreenderemos a interface da economia política marxista com o vocabulário linguístico/estruturalista lacaniano. Vejamos, então, algumas características da linguagem das mercadorias.

A forma de valor simples e o estágio do espelho

A primeira característica refere-se à natureza diferencial do valor de uma mercadoria. Uma mercadoria só adquire valor, ou *equivalência*, quando e se comparada a outra mercadoria, ou seja, o valor só ocorre com uma identificação:

nenhuma mercadoria se relaciona consigo mesma como equivalente e, portanto, tampouco pode transformar sua própria pele natural em expressão de seu próprio valor, ela tem de se reportar a outra mercadoria como equivalente ou fazer da pele natural de outra mercadoria a sua própria forma de valor (Marx, 2013, p. 184).

O processo de formação do valor numa dinâmica de equivalência passa, inicialmente, por duas etapas, a primeira consiste na *forma de valor simples* ou *individual*. Nesse momento, por meio de uma equivalência social ou antinatural, um produto se apropria da “pele natural” do outro, ocorre a metamorfose do produto do trabalho em mercadoria, cuja propriedade é estar embutida de valor – um montante x de um produto é equivalente a um montante y de outro produto. Porém, ainda que sejam feitas várias equiparações, o valor nesse caso surge de produtos tomados dois a dois, trata-se de equivalências particulares, não vinculadas numa rede. Tal relação pode ser emparelhada ao que ocorre no *estádio do espelho*, em ambos os casos temos como que a metamorfose de algo natural ou não mediado para algo artificial ou mediado – a transição da insuficiência à antecipação da qual fala Lacan, visto não ser uma operação que ocorre de maneira espontânea. Ademais, dessa mesma relação, saem os objetos embutidos de valor, o que se designou por “equivalência abstrata”. Nas palavras de Lacan: “a referência marxista – empregar dois objetos da necessidade de tal maneira que um se torne a medida do valor do outro, que apague do objeto, justamente, o que é a ordem da necessidade, e com isso o introduza na ordem do valor” (Lacan, 1999, p. 101). Enquanto a mercadoria é um único termo, no estágio do espelho estamos lidando com o eu e seus objetos; porém, Lacan nota que Marx empresta a lógica do valor também ao agente: “Marx, no plano da formulação da chamada *teoria da forma particular do valor da mercadoria*, revela, numa nota, ser o precursor do estágio do espelho” (Lacan, 1999, p. 86). Eis a nota: “De certo modo, ocorre com o homem o mesmo que com a mercadoria. Como não vem ao mundo dotado de um espelho, tampouco como o filósofo fichteano – Eu sou eu –, o homem se espelha primeiramente num outro homem” (Marx, 2013, p. 129).

A forma valor desdobra e o objeto metonímico

A segunda etapa constitui-se na *forma de valor desdobrada*, ao se equipararem várias mercadorias e se estabelecer uma rede de equivalências entre elas (Marx, 2013, pp. 174-196), a mercadoria é tida agora como uma propriedade de todos os produtos porque foram equiparados. Tal relação é semelhante ao que acontece com o *objeto metonímico*, o qual,

como vimos, é apenas um *place-holder*, ou como diz Lacan, “um objeto que não pode ser denominado, que só é denominado por suas conexões” (Lacan, 1999, p. 64). Assim, tanto mercadoria como objeto metonímico designam propriedades de um encadeamento, a primeira ensejando a valoração, o segundo o sentido. De tal sorte que, estamos lidando com a emergência de dois sistemas que se definem pela propriedade universalmente impregnada aos objetos pertencentes a estes sistemas. Lacan dirá:

Marx formula a proposição de que nada pode instaurar-se das relações quantitativas do valor sem a instituição prévia de uma equivalência geral. Não se trata simplesmente de uma igualdade entre tantas ou quantas varas de tecido. É a equivalência tecido-roupa que tem de ser estruturada, ou seja, que roupas possam representar o valor do tecido. Não se trata mais, portanto, da roupa que vocês possam usar, mas do fato de que a roupa pode tornar-se o significante do valor do tecido. Em outras palavras, a equivalência necessária logo no início da análise, e sobre a qual se assenta o chamado valor, pressupõe, por parte dos dois termos em questão, o abandono de uma parcela muito importante de seu sentido.

É nessa dimensão que se situa a efeito de sentido da linha metonímica (Lacan, 1999, p. 86).

Nessa fase inicial Lacan ressalta o caráter metamórfico, tanto do par mercadoria-agente, quanto do objeto-eu no contexto psicanalítico, trata-se da passagem de uma ordem natural ou espontânea, associada ao valor de uso dos objetos para outras duas, imaginária, uma mediação de dois-a-dois e simbólica, relação em série ou estabelecimento de uma cadeia para a emergência do valor ou do sentido.

A forma de valor universal e o dinheiro equiparados ao falo

O próximo passo da nossa comparação refere-se ao *valor* como sustentação de um campo simbólico. Depois da *forma de valor desdobrada*, a terceira fase consiste na *forma de valor universal*, quando “uma mercadoria encontra-se na forma de equivalente universal apenas porque, e na medida em que, ela é excluída por todas as demais mercadorias na qualidade de equivalente” (Marx, 2013, p. 202) – mesma definição de Lacan para o falo: “é o significante excluído do significante” (Lacan, 2010, p. 323). Essa mercadoria, o linho no exemplo de Marx, adquire, pois, a capacidade de expressão de valor de todas as outras mercadorias. Podemos, contudo, incluir aqui a *forma-dinheiro*, a qual consiste na operação de substituir o linho, pela moeda, um equivalente universal abstrato; isto é, sem nenhum valor de uso, sendo somente a capacidade de expressão do valor. Seguindo a comparação com Lacan, o dinheiro é, nesse contexto, análogo ao falo, posto que, em ambas as lógicas nos deparamos com uma entidade apta a expressar todas as outras numa dimensão diferencial: em Marx, todas as mercadorias são exprimíveis em dinheiro, em Lacan o desejo e a significação referem-se ao falo como seu operador – dirá ainda: “o falo é uma moeda” (Lacan, 1999, p. 494).

Falo e dinheiro servem, desse modo, como encarnações da característica geral definidora da dimensão anteriormente exposta. Dinheiro expressa o caráter de valor da mercadoria e falo expressa o sentido ou desejo em operação na cadeia significante.

O fetichismo da mercadoria e o fetichismo do significante

Marx escreve:

De onde surge, portanto, o caráter enigmático do produto do trabalho, assim que ele assume a forma-mercadoria? Evidentemente, ele surge dessa própria forma. . . .

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas (2013, pp. 205-206).

Lacan, por sua vez, dirá:

basta abrir o primeiro volume do *Capital* para perceber que o primeiro passo da análise que Marx faz do caráter fetichista da mercadoria consiste muito exatamente em abordar o problema no nível próprio do significante como tal, embora o termo não seja mencionado. As relações de valor são dadas, inicialmente, como relações de significantes, e toda a subjetividade, a da fetichização, se for o caso, vem se inscrever no interior dessa dialética significativa. Não resta sombra de dúvida quanto a isso (Lacan, 2016, p. 337).

Estamos lidando, em ambos os casos, com uma forma que enseja um conjunto de relações. Assim as mercadorias realizam um automovimento do qual emerge o valor, ao mesmo tempo em que estranha o agente para o fato de que tal movimento depende dele; por outro lado, a cadeia significativa faz o mesmo, ela se organiza a nível inconsciente e o sujeito é captado por essa malha definindo tanto a realidade, quanto sua relação com a realidade.

Dinheiro como forma e valor de uso formal – Φ e φ

Ao tratar do dinheiro como estruturador da forma-mercadoria, criamos uma dimensão de valor que se sobrepõe à dimensão do valor de uso – o produto do trabalho não mediado. O dinheiro exerce, então, o papel de mediador do sistema de valoração das mercadorias; Marx o caracteriza por “valor de uso formal” e “mercadoria universal” (Marx, 2013, p. 226). Ao qualificar o dinheiro por valor de uso formal, temos aí que o dinheiro aparece na relação como a “forma realizada” (Marx, 2011, p. 95) necessária para o exercício da forma. Por essa via, o dinheiro tem um uso, o uso do dinheiro é lastrear o sistema de valor das mercadorias. O dinheiro, ao se colocar como mercadoria intermediária, ou ainda, como catalizador da relação, é a mercadoria universalmente trocável, porém ele mesmo, como mediador, “não tem preço” (Marx, 2013, p. 231), é um ponto cego interior ao sistema (não tem preço, embora tenha valor, conforme veremos).

Coisa semelhante ocorre com o falo. De acordo com a descrição lacaniana, o falo é o garantidor e veículo do processo de significação, a metaforização do *objeto metonímico* – aqui φ . Como se o objeto metonímico se comportasse como uma mercadoria passível de passar pela operação fálica adquirindo um preço, a realização da metáfora ou do sentido. Desta feita, o falo, enquanto estruturador do sistema de valor do significante, agora Φ , é o que permite a operação formal de estabelecimento da ordem simbólica, poder ou hierarquia social, Lei

ou partilha sexual – lembremos que Freud e Lacan articulam moral e ideais simbólicos como sendo vinculada ao pai e ao falo (Lacan, 1999).

O objeto retirado e posto na esfera de circulação

Karatani define a posição do vendedor como subordinada ao “desejo dos outros” (Karatani, 1995, p. 169), ao passo que a posição do possuidor de dinheiro é, por assim dizer, dominante, ele tudo pode comprar com sua posse. Se a compra é universal, a venda é particular, depende da vontade do outro – assim, pretende-se ocupar a posição favorável e potente de comprador. O entesourador intenta evitar a posição desconfortável da venda acumulando dinheiro e resguardando-se com a sua posse. Porém, o avaro é

apenas o capitalista ensandecido, o capitalista é o entesourador racional. O aumento incessante do valor, objetivo que o entesourador procura atingir conservando seu dinheiro fora da circulação, é atingido pelo capitalista, que, mais inteligente, lança sempre o dinheiro de novo em circulação (Marx, 2013, pp. 296-297).

Ou seja, o capitalista é o entesourador que arrisca. Lacan faz comparação semelhante, ao dizer que o objeto posto no cofrinho do avaro é um “objeto mortificado. O que está no cofrinho está posto fora do circuito da vida, dela é subtraído” (Lacan, 2016, p. 400). O objeto vivo é falo que circula, que se joga constantemente na esfera de circulação, a fim de obter fruição, ou gozo – seja se fazendo de falo, ocupando o lugar do objeto de desejo, seja tendo o falo, possuindo-o eventualmente, em situação de potência de gozo. Daí a comparação de Lacan do falo com o anel do jogo de *passa anel*:

No significante, podemos contentar-nos em situá-lo [o falo] assim – é um objeto metonímico. Em virtude da existência da cadeia significante, ele circula de todas as maneiras, como o anel no jogo de passar o anel, por toda parte do significado – sendo, no significado, aquilo que resulta da existência do significante. A experiência nos mostra que esse significado assume para o sujeito um papel preponderante, que é o de objeto universal (Lacan, 1999, p. 207).

O dinheiro executa, em Marx, esse mesmo movimento fugaz de passagem de mão em mão; a seguinte citação funciona, também, como uma síntese das propriedades do dinheiro anteriormente elencadas:

Seu movimento expressa, portanto, a alternância contínua dos processos antitéticos da metamorfose das mercadorias M-D-M, na qual a mercadoria se confronta com sua figura de valor apenas para voltar a desaparecer imediatamente. A existência autônoma do valor de troca da mercadoria é aqui apenas um momento fugaz. Logo em seguida, ela é substituída por outra mercadoria. De modo que a mera existência simbólica do dinheiro é o suficiente nesse processo que o faz passar de uma mão a outra. Sua existência funcional absorve, por assim dizer, sua existência material. Como reflexo objetivo e transiente dos preços das mercadorias, ele funciona apenas como signo de si mesmo, podendo, por isso, ser substituído por outros signos. Mas o signo do dinheiro necessita de sua própria validade objetivamente social, e esta é conferida ao símbolo de papel por meio de sua circulação forçada (Marx, 2013, pp. 270-271).

Mais-valor e mais-de-gozar

Até o momento, passamos em comparação pela seção I d'O *Capital*: o imaginário comparamos à forma de valor simples, a mercadoria, ao objeto metonímico, a forma-dinheiro ou forma de valor universal, ao falo (Φ), a qual, por sua vez, é estruturada e tracionada pelo dinheiro, comparado ao falo (ϕ).

Passaremos agora à segunda seção do livro de Marx, no qual ele trata da transformação do dinheiro em capital. Tal transformação acontece como uma espécie de simples mudança de finalidade. Marx nos dá a fórmula da circulação de mercadorias: M-D-M'. A fórmula do capital ocorre quando o fundamento da circulação não é a obtenção de uma nova mercadoria, cuja finalidade, nesse caso, seria o valor de uso, mas quando se tem por objetivo aumentar o montante inicial de dinheiro: D-M-D', na qual troca-se dinheiro por uma mercadoria e essa mercadoria é reconvertida em dinheiro, acontecendo aí uma variação do montante de dinheiro inicial, o qual Marx denomina mais-valor.

O passo na transformação de M-D-M' em D-M-D' podemos descrevê-lo como uma relação específica com o objeto sublime, como um amor ou compulsão pela pura forma, dado que agora não é a mercadoria, como valor de uso, que é ansiada pelo sujeito, mas o “valor de uso formal” ou a “mercadoria universal”. E Marx usa o termo *Trieb* para qualificar tal ânsia: “Esse impulso [*Trieb*] absoluto de enriquecimento, essa caça apaixonada ao valor” (Marx, 2013, p. 296). Não devemos, entretanto, confundir o *Trieb* com um impulso pessoal, como uma vontade do capitalista, pelo contrário: “Como capitalista, ele é apenas capital personificado. Sua alma é a alma do capital. Mas o capital tem um único impulso vital, o impulso de se autovalorizar, de criar mais-valor” (Marx, 2013, p. 391).

Lacan dirá:

O mais-de-gozar apareceu em meus últimos discursos numa função de homologia em relação à mais-valia marxista. Dizer homologia é dizer, justamente, que a relação entre eles não é de analogia. Trata-se, com efeito, da mesma coisa” (Lacan, 2008b, p. 44).

Assim, a utilização do termo *homologia*, tal como derivado da biologia, sugere uma origem comum ao mais-valor e ao mais-de-gozar, qual seja, a compulsão voltada para si mesma. Trata-se aqui da pulsão [*Trieb*] não de consumir ou comprar mercadorias, mas a pulsão de se autovalorizar, outrossim, na psicanálise, o mais-de-gozar – “que permite isolar a função do objeto *a*” (Lacan, 2008b, p. 19) – se refere ao objeto como que dobrado sobre si mesmo, o que Lacan descreve como “renúncia ao gozo” (Lacan, 2008b, p. 17). Mas essa renúncia não trata do objeto mortificado guardado no cofrinho ou excluído do circuito do significante, mas do suplemento estrutural e com vida própria, a pulsão em sua forma pura. Ademais, esse objeto em seu fundamento como que preda os agentes, há o *trieb* e o sujeito é, parafraseando Marx, apenas compulsão à repetição encarnada, por conta disso Lacan escreve:

Não há nada diante do sujeito senão ele [o objeto *a*], o um-a-mais entre tantos outros, e que de modo algum pode responder ao grito da verdade, mas que é, muito precisamente, seu equivalente – o não-gozo, a miséria, o desamparo, a solidão (Lacan, 2008b, pp. 24-25).

Parece-nos que a construção do conceito de *mais-de-gozar* envolve uma espécie de passagem de *das Ding* como excesso ou suplemento (de valor ou de gozo) implícito no processo de circulação a uma explicitação e centralidade desse excesso, o retorno do rebotalho do processo de simbolização agora posto como finalidade do circuito. Nesse ponto, a metáfora energética designando a redução da tensão do sistema proposta por Freud, dá lugar a outra, que promove a constante retroalimentação do circuito, ou seja, a “uma referência à economia política, a qual teríamos dificuldade de sugerir, nos tempos atuais, que é menos materialista” (Lacan, 2008b, p. 32).

Valor do dinheiro e crise – relação entre Φ e $S(A)$

Vejam, por fim, como se dá a relação entre Φ e $S(A)$. Ao tratarmos do falo como lastro da realidade deixamos de lado o fato de que o ele também está sujeito às “variações de mercado”, à dinâmica de valor do sistema do significante. O falo como Φ padece da mesma dinâmica de valorização ou desvalorização do dinheiro, isto é, o dinheiro, ao descer do mundo transcendental (forma) à terra acaba encontrando-se sob influência dos movimentos sublunares, pode ser valorizado, desvalorizado, enfrentado, aceito etc. Porém, embora não tenha preço, visto ser ele a medida de preço, como as outras mercadorias, ele tem valor:

Basta ler de trás para a frente as cotações numa lista de preços para encontrar a grandeza de valor do dinheiro, expressa em todas as mercadorias possíveis. Já o dinheiro, ao contrário, não tem preço. Para tomar parte nessa forma de valor relativa unitária das outras mercadorias, ele teria de se confrontar consigo mesmo como seu próprio equivalente (Marx, 2013, p. 231).

Ora, a variação máxima, quando no domínio do capital é a crise. Conforme Karatani, a crise “funcionaria como uma crítica ao capital” (Karatani, 2005, p. 157) ou ainda, permite ver “o momento em que a fantasia colapsa” (Karatani, 2005, p. 154). É precisamente nesse ponto que Karatani efetuará a comparação entre psicanálise e economia política, a partir da perspectiva da crise ou do colapso da fantasia neurótica como revelação da verdade do sistema:

A crise é uma *doença crônica* inerente à economia capitalista, mas também uma *solução* para seus defeitos internos. Em outras palavras, o capitalismo faz reparos temporários em seu problema inato por meio de crises, portanto, ele nunca entrará em colapso por causa disso. Pode ser comparado à histeria, o trampolim da psicanálise freudiana. Para um paciente doente, a histeria em si é uma solução, graças à qual a estabilidade do paciente está garantida por enquanto. Mas, para Freud, o que era mais crucial do que a histeria era o mecanismo do inconsciente que a causaria – que existe em uma pessoa, esteja ela doente ou não. Da mesma forma, para Marx, a crise não é o exterminador da economia capitalista. Tornou-se importante apenas porque revelaria a verdade da economia capitalista que é invisível na economia cotidiana (Karatani, 2005, p. 157).

Desse modo, pode-se tomar a fantasia como uma operação de manutenção da tessitura do simbólico. Quando no caso das neuroses freudianas, se não posso gozar ou me realizar no

mundo, crio uma satisfação substitutiva a nível inconsciente (isto é, não inscrita no simbólico), estabilizando, assim, a realidade. A diferença entre fantasia e o sintoma propriamente dito, seria seu endereçamento, enquanto a primeira pode permanecer estável e apartada da realidade, a segunda insiste em se inscrever – o que Freud denominou “retorno do recalcado”. No caso do capitalismo, quando em períodos de prosperidade, a sensação de estabilidade e progresso legitimam o sistema; a crise, por sua vez, atestaria a falha endógena da máquina e evidenciaria, dessarte, o mundo da mercadoria em sua artificialidade ou historicidade. Assim, seria possível tomar a crise enquanto o sintoma do capitalismo, ou mesmo o sintoma da psicanálise como índice de uma crise política, *ideológica* – nas palavras de Lacan: “O sintoma quer dizer a significância das discordâncias do real e isso por qual ele se dá. A ideologia, se querem. Mas com uma condição, é que por esse termo vocês iriam até incluir aí a percepção mesma” (Lacan, s. d., pp. 357-358). Desse modo, crise econômica e sintoma evidenciam ou denunciam a vulnerabilidade do sistema e, além disso, cremos ser, precisamente nesse ponto de vista que Lacan e Marx se colocaram; de modo que, em ambos os casos, trata-se de fazer ver um universo simbólico desde seu ponto de fissura.

A situação de crise, ou de colapso da fantasia, revela a propriedade fundamental do falo, ou do dinheiro, como *significante do Outro barrado* – $S(\bar{A})$ –, significante chave de arco de um edifício de sentido, mas, agora, desprovido de seu valor, o que não significa, entretanto, que ele não opera. Talvez uma elaboração mais precisa seja a de que ele possui e não possui valor, não possui valor porque não garante mais o sentido e o possui porque, mesmo em crise, exerce sua função estrutural:

Que não haja universo do discurso quer dizer exatamente isso: que no nível do significante, esse *Um-demais* [$S(\bar{A})$], que é, ao mesmo tempo, o significante da falta, é propriamente falando aquilo de que se trata e que deve ser mantido com completamente essencial, conservado na função da estrutura (Lacan, s. d., p. 94).

– Lacan mesmo sugere valorar o $S(\bar{A})$ por , exatamente por não ser um valor empregável (Lacan, 1998a). Desse modo, teria sido a própria crise da ordem fálica, podemos supor, que possibilitara a invenção da psicanálise por Freud, no preciso sentido de ela atuar nessa zona de crise ou nesse limbo entre gozo e sentido. Lacan mesmo diz que esse “é o grande segredo da psicanálise” (Lacan, 2016, p. 322). Outrossim, conforme Zupancic, a psicanálise não deve ser situada como uma teoria falocêntrica, o que ela proporia seria uma crítica ao falo como significante essencial de uma metafísica ou ordem simbólica, nesse sentido, destronando o falo; transportando-o do lugar da necessidade ao da mera contingência (Zupancic, 2008).

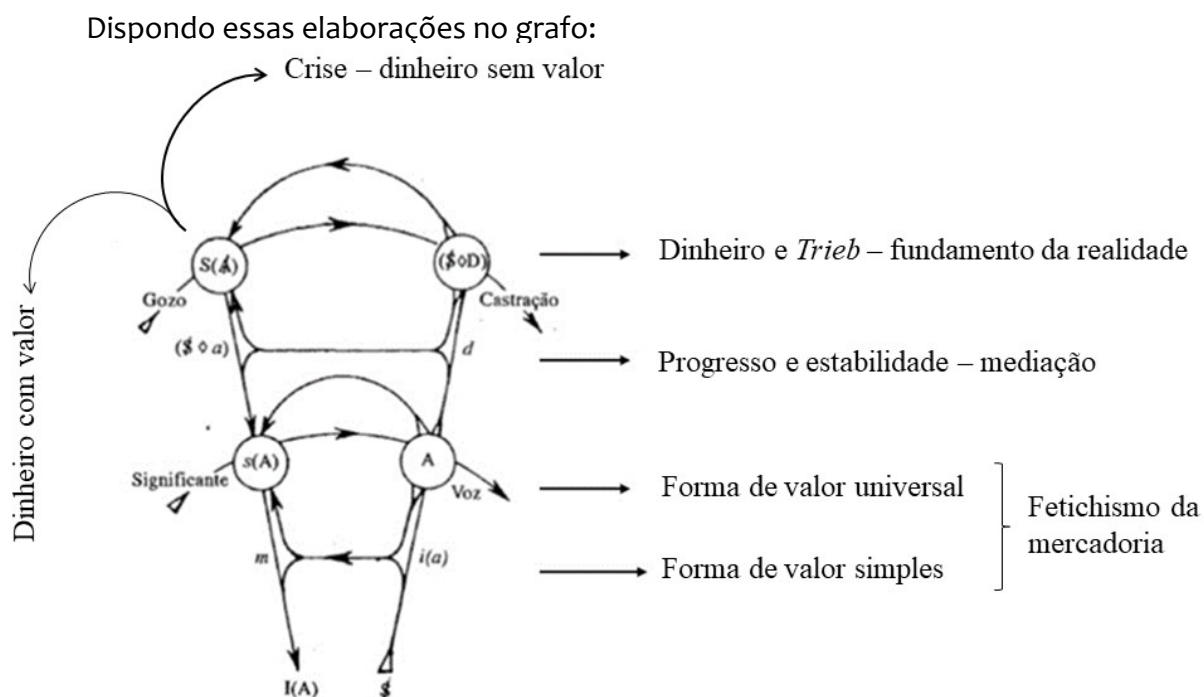


Fig. 2

Considerações finais

Ainda uma série de questões poderiam ser levantadas, a principal delas, cremos, é referente à diferença entre o campo econômico e o campo simbólico. Mesmo que tenhamos recuperado na obra de Lacan os pontos de convergência entre as duas dimensões, é importante, também, trabalhar sobre as divergências entre economia política e linguagem. Outro ponto que ficará para um trabalho posterior é aquele relativo a um campo estruturado, em torno de Φ e o outro, inconsistente ou em crise, lastreado por $S(A)$; será precisamente esse o tema de Lacan nos seminários subsequentes ao 18, em que o psicanalista tratará do que denominou *lógica do não-todo*. Teríamos, portanto, que rediscutir como opera o par sentido-falo no universo inconsistente. Um último ponto sensível e que se vincula ao anterior refere-se à mudança das modalidades de sofrimento; em geral, não se vê muitos neuróticos freudianos clássicos em nossos consultórios hoje em dia, ao menos não se comparados à depressão, pânico ou outras afecções. É sugestivo intuir que isso ocorra por conta dessa transição de Φ a $S(A)$. Nesse sentido, recuperar a lógica do objeto na psicanálise em conformidade com o capital seria um passo útil para visar os dilemas presentes na clínica atual.

Por fim, compartilhamos da tese de Tomsic (2015) referente a um *Inconsciente Capitalista*, mas tomamos outro caminho que aquele orientado pelos *quatro discursos*. Além disso, nossa principal intenção foi a de endossar ou fundamentar a tese de Karatani acima enunciada – segundo a qual a linguística, e nessa esteira, a própria psicanálise (ao menos a lacaniana), seguem o modelo da economia política. Nesse caso, em ambas as áreas temos a constituição de um domínio que se estrutura em torno de um objeto que atua sob diferentes modalidades: valor, mercadoria, dinheiro, mais-valor e automovimento desse objeto – sendo

este objeto estranhado do agente que o produz – e essas diferentes modalidades estruturam o campo da economia política; do mesmo modo, sentido, objeto metonímico, falo, mais de gozar, autonomia da cadeia significante, além do estranhamento do sujeito quanto àquilo que o determina, também estruturam o campo da psicanálise lacaniana. Muito haveria ainda o que se trabalhar sobre essa rica proposta de Karatani, gostaríamos somente de terminar com a sugestão de que foi o colapso da fantasia que constitui a modernidade – qual seja: o progresso –, que possibilitara a invenção da psicanálise por Freud; por consequência, a psicanálise tem no capitalismo sua condição de possibilidade.

Referências

- Alves, C. B., & Pedroza, R. L. S. (2019). O inconsciente capitalista a partir de Lacan, Marx e Zizek: consequências para o debate sobre identidade de gênero. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 22, 154-163.
- Cardoso, M. J. D. E., & Darriba, V. A. (2016). A referência a Marx no ensino de Lacan. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, 189-197.
- Jakobson, R. (2010). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Karatani, K. (1995). *Architecture as metaphor: language, number, money*. Cambridge: MIT Press.
- Karatani, K. (2005). *Transcritique: on Kant and Marx*. Cambridge: Mit Press.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998a). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998b). *O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 16: de um outro a Outro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2010). *O seminário: Livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2016). *O seminário: livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (s. d.). *O seminário: livro 14: a lógica da fantasia, 1966-1967*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Lévi-Strauss, C. (2018). Introdução à obra de Marcel Mauss. In *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Ubu.
- Marx, K. (2011). *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo
- Marx, K. (2013). *O capital: livro 1, o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo.

- Oliveira, C. C. (2004). Capitalismo e gozo: Marx e Lacan. *Tempo da ciência*, 11(22), 9-24.
- Paulani, L. M., & Müller, L. A. P. (2010). Símbolo e signo: o dinheiro no capitalismo contemporâneo. In *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 40(4), 793-817.
- Postone, M. (2014). *Tempo, trabalho e dominação social*. São Paulo: Boitempo.
- Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Fapesp.
- Tomsic, S. (2015). *The capitalist unconscious: Marx and Lacan*. London: Verso Books.
- Vighi, F. (2016). Capitalist bulimia: Lacan on Marx and crisis. *Crisis and Critique*, 3(3), 415-432.
- Zizek, S. (1993). *Tarrying with the negative: Kant, Hegel, and the critique of ideology*. Durham: Duke University Press.
- Zupancic, A. (2008). *The odd one in: on comedy*. Cambridge: Mit Press.

Marx with Lacan – Commodity logic and object of psychoanalysis

Abstract

Marx appears at various points in Lacan's work. In this paper, we highlight those passages in which the psychoanalyst relates the logic of the commodity, as articulated in the critique of political economy, to the object of psychoanalysis. From this connection, we propose an equivalence between the psychoanalytic object and the commodity or money within the context of Marx's *Capital*. To undertake this task, we set the *graph of desire* as a matrix capable of accommodating both the different aspects of the commodity or money and Lacanian formulations concerning the object. Our aim is thereby to provide elements that support the thesis that the opening chapters of *Capital* parallel much of the development of Lacan's theory of the object. In addition, two further theses are brought into articulation with this proposal: Karatani's claim that linguistics is shaped by the model of political economy, and Tomsic's argument concerning the articulation of a "capitalist unconscious".

Keywords: Graph of desire, Commodity, Object *a*, Capital

Marx com Lacan – Lógica de la mercancía y objeto del psicoanálisis

Resumen

Marx aparece en diversos momentos de la obra de Lacan. En este trabajo destacamos aquellos pasajes en los que el psicoanalista relaciona la lógica de la mercancía, tal como se articula en la crítica a la economía política, con el objeto del psicoanálisis. A partir de esta aproximación, se propone una equivalencia entre el objeto del psicoanálisis y la mercancía o el dinero en el contexto de *El Capital* de Marx. Para llevarla a cabo, recurrimos al *grafo del deseo* como matriz capaz de acomodar tanto los diferentes aspectos de la mercancía o del dinero, como las formulaciones lacanianas acerca del objeto. Esperamos, con ello, aportar elementos que sostengan la tesis de que los primeros capítulos de *El Capital* acompañan en gran medida los desarrollos de la teoría lacaniana del objeto. Además, dos tesis adicionales se articulan con esta propuesta: la de Karatani, según la cual la lingüística se estructura a partir del modelo de la economía política; y la de Tomšič, que señala la articulación de un "inconsciente capitalista".

Palabras clave: Grafo del deseo, Mercancía, Objeto *a*, Capital

Marx avec Lacan – Logique de la marchandise et objet de la psychanalyse

Résumé

Marx apparaît à plusieurs reprises dans l'œuvre de Lacan. Dans ce travail, nous mettons en évidence les passages où le psychanalyste relie la logique de la marchandise, telle qu'elle est articulée dans la critique de l'économie politique, à l'objet de la psychanalyse. À partir de ce rapprochement, il s'agit de proposer une équivalence entre l'objet de la psychanalyse et la marchandise ou l'argent dans le contexte du *Capital* de Marx. Pour ce faire, nous recourons au *graphe du désir* comme matrice permettant d'accueillir aussi bien les différents aspects de la marchandise ou de l'argent que les formulations lacaniennes concernant l'objet. Nous espérons ainsi apporter des éléments permettant de soutenir la thèse selon laquelle les premiers chapitres du *Capital* accompagnent en grande partie le développement de la théorie lacanienne de l'objet. En outre, deux thèses supplémentaires s'articulent à cette proposition: celle de Karatani, selon laquelle la linguistique est structurée par le modèle de l'économie politique; et celle de Tomsic, qui met en avant l'articulation d'un "inconscient capitaliste".

Mots-clés: Graphe du désir. Marchandise. Objet *a*. Capital

Recebido em: 03/09/2025

Revisado em: 25/02/2026

Aceito em: 10/03/2026